



**SOCIALIDADES EUGÊNICAS, EXIGÊNCIA DO NORMAL E  
DESEMPENHOS NA CIÊNCIA: APONTAMENTOS  
ETNOGRÁFICOS EM ITINERÁRIOS ENTRE BAIXA-RENDIA,  
ETNICIDADE, CORPO (IN)ADEQUADO E ISOLAMENTO PCD,  
NOS INTERDITOS AO DIREITO FUNDAMENTAL À EDUCAÇÃO  
EM CONTEXTO ACADÊMICO-UNIVERSITÁRIO**

**Natália Maria Alves Machado – UnB**  
**Bruno Araújo Lopes – SENAPPEN/MJSP**

**Grupo de Trabalho:** GT 4 – Medicalização da Vida: Diálogos entre Direito,  
Antropologia e Saúde Mental

**RESUMO:**

O presente texto trata, em contornos autoetnográficos, das "socialidades manicomiais" e da exigência do normal no ambiente acadêmico, focando nos interditos que cercam o corpo (in)adequado e as vivências de pessoas com deficiência na pós-graduação. O objetivo é registrar os percalços, ausências e não-acessos que limitam o curso acadêmico, denunciando um capacitismo estrutural que, muitas vezes, se esconde sob a máscara das gramáticas da inclusão e da ação afirmativa. A metodologia perpassa o fluxo descontínuo da memória narrada, mesclando a escrita normatizada à oralidade e à poética dos ativismos, em uma construção coletiva e dialógica que busca traduzir o intraduzível da neuroatipicidade e as táticas de sobrevivência física e cognitiva nas instituições totais. A escrita é atravessada por influências fundamentais como Diniz (2007), que baliza a compreensão da deficiência; Dias (2013), essencial na genealogia do capacitismo e na denúncia da eugenia estatal; e Foucault (2013), no que tange ao corpo como território de disputa e poder. Os resultados e conclusões revelam que a universidade, ao absorver formalmente o código da lei enquanto mantém um funcionamento interno profundamente corponormativo, classista e etnocêntrico, opera um desterro de corpos que não performam o ethos de um pesquisador abastado e equilibrado. O trabalho conclui que a academia, sob a vigília de uma suposta bioética de controle, impõe um calvário burocrático e existencial, configurando um cenário de exclusão que, longe de ser apenas um "evento crítico", revela o violento deslocamento epistêmico de um valor que nega a existência das "espécies companheiras" e o próprio direito fundamental à educação em sua completude, reafirmando que, sem o "nada sobre nós sem nós", o campo acadêmico permanece uma trincheira hostil.

**Palavras-chave:** deficiência; estigmas; ciência; direitos.



## 1. INTRODUÇÃO

Apontamentos e observações epistemológicas, etnográficas e jurídicas desde a vivência da pesquisadora/estudante que a escreveu sob experiência em instituição estatal de ensino superior público em nível de pós graduação, sendo tal pesquisadora/estudante uma pessoa com deficiência (DINIZ, 2007) e também sob outros marcadores sociais da diferença e desigualdade (por raça, classe, etnicidade, sexo/gênero), em que um período de percalços, ausências e não-acessos cercam de limites e impossibilidades o concurso acadêmico.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

O arcabouço teórico constante no texto existe aqui de modo transversal e ainda que até bastante estruturador, todavia, dentro do fluxo descontínuo da memória narrada e das referências (que são constituídas enquanto tal somente no bojo das ativações vivenciais evocadas e também nascidas no próprio universo da “contação” analítica (e suas tantas vozes-frases). De tal modo, no presente trabalho estilos de escrita mesclam-se no esforço de registro acadêmico e também enquanto proposta de tradução do intraduzível da neuroatipicidade (LOUZEIRO, 2019) enquanto cosmopercepção (uma vez a denúncia do que falta em termos de acessibilidade educacional), assim, no mosaico cronológico da construção do tema aqui apresentado, parágrafos mais próximos do que se espera da escrita normatizada mesclam-se a textualidades notoriamente cunhadas ao modo da oralidade, bem como ares que poderiam lembrar literatura, a escrita das leis que aqui chegam pela necessidade de existir no mundo dos direitos, também talvez a poética dos ativismos e a guerra das narrativas para soarem válidas perante instituições.

## 3. METODOLOGIA

Colchas de retalho desde a espera enorme de ser Sertão. Após curadorias e adaptações, na presente apresentação trazemos eflúvios da pesquisa:

\*Epistemologias com Deficiência? Uma Auto-Etnografia das Ausências - Notas



corporais sobre diferença, ensino jurídico e insuficiências em acessibilidade” (MACHADO, 2020), partilhamos itinerários relativos, suas motivações, percalços, modos de fazer e resultados devir (des)contínuo, um código aberto que há anos ressoa e compõe uma agenda maior do momento social das paisagens que formamos e nos formam, enquanto pesquisadores e, sobre tudo, ao mesmo tempo enquanto pessoas ‘ruínas e espécies companheiras’.

Sendo duas pessoas autoras, nem sempre ou quase nunca se perceberá uma distinção nítida de vozes, pois seria impossível. Atravessou a produção desta pesquisa a relação dialógica entre a supracitada pós-graduanda e outro Cientista Social, prestando assessoria/tutoria acadêmica, haja vista as necessidades de apoio para a sua consecução, especialmente no tocante à necessidade de um interlocutor qualificado (outro vetor do encontro auto-etnográfico e etnológico possível e necessário), também para suportes técnicos e um básico em estratégias, lida com fármacos, rotinas médicas, equipamentos bio-fisiológicos e tecnologias assistivas. Defendemos que mais que um “evento crítico”, o quadro acima é sintoma de certa estrutura institucional e possível deslocamento epistêmico de valor. Estímulos e respostas são um vórtice do que aconteceu, uma fenomenologia que no próprio texto é indisfarçável no que tange ser criação coletiva ainda que com uma “história limite” em tela e problemática/temática, sem embargo, somente por estar em relação.

#### **4. RESULTADOS/DISCUSSÃO**

Socialidades manicomiais aqui, oitavadas como eugênicas (DIAS, 2013), abjeção e festejos - sobrevivendo à antropologia, à academia, à universidade sendo pessoa com ‘miolo mole’: recortes em primeira pessoa e coletivos encarnados em existências taxadas, “nada sobre nós sem nós”, reafirmando essa trincheira que está longe de ser garantida, aqui como atributo técnico-científico e cognitivo, demarcando etnicidade, inteligibilidade, raça e abjeção de uma pesquisadora PCD neurológica e múltipla, entre colapsos, desistências e disputas de terra em seus N sentidos desterrados: corpo (FOUCAULT, 2013).

Na Universidade, especialmente na pós-graduação, tem algo que comecei a chamar de socialidades manicomiais, porque às vezes não está na



norma. Foi difícil, as normas e as regras de determinada instituição, seção, jurisdição, território, absorveu as gramáticas da inclusão, da ação afirmativa, mas o funcionamento interno continua sendo profundamente normativo (FAUSTINO, 2018), e normativo do ponto de vista do código, da lei, do que está escrito, e também normativo – a norma, o normativo, a normatividade – no fluxo dos afetos e das interações, todas. Dá pra brincar muito com isso, brincar entre aspas – normativo do ponto de vista do que acontece, tem uma fenomenologia normativa nos espaços, inclusive os que se pretendem alternativos à norma. .

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tempo institucional e sua burocracia (patriarcal, corponormativo, etnocêntrico, classista) é um calvário pro cotidiano de pessoas sob atipicidades cognitivas, psicossociais, sensoriais, musculares e etc., ainda mais em contexto de exclusão socioeconômica...

Há a tese de doutorado em Antropologia na UFSC chamada - 'Olhar, (não) ouvir e escrever: uma autoetnografia ciborgue' (MELLO, 2019)... preciso conseguir absorver o conteúdo dessa tese de alguma forma porque é munição urgente; esse ethos do estudante, docente e pesquisador forte, abastado, capaz, produtivo, tão equilibrado e contido quanto uma perfeita humanidade nobre, adequadíssima e com tudo garantido no lar, esse ethos, ainda é muito ditador dos ritmos acadêmicos. A maioria das pessoas se mata pra caber nele e mal o contesta...

Em graus diversos dependendo do caso PCD, sangues, vísceras, fluidos, químicos (SILVA, 2018), tecnologias pra domesticar/civilizar órgãos, carimbos, leis que, pela vigília normatizante de uma suposta bioética médico-farmacêutica de controle corporal, temos de lidar o tempo todo num nível quase especialista sabe (um massacre), códigos temperados com fisiologia e anatomia em seus desmundos, burocracias mil, muita cobrança ou nenhuma autonomia; as instituições totais sempre rondam caso não se dê conta disso suficientemente ou não se tenha alguém próximo pra dar conta no seu lugar.



## REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

FAUSTINO, Ana Carolina *et al.* '*Macroinclusão e microexclusão no contexto educacional*'. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 12, n. 3, p. 898-911, set./dez.

2018.

Disponível em:

<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/2212>

DIAS, Adriana. '*Por uma genealogia do capacitismo: da eugenia estatal à narrativa capacitista social*'. **Anais do II Simpósio Internacional de Estudos sobre Deficiência**. São Paulo, p. 5-14, 2013.

DINIZ, Débora. **O que é deficiência**. Brasiliense, 2007.

FOUCAULT, M. O corpo utópico. In: FOUCAULT, M. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

HAMPÂTÉ BÂ, A. A tradição viva. In: KI-ZERBO, J. (Org.) *História Geral da África*. São Paulo: Ática/Unesco, 1980. v.

LOUZEIRO, Rita. Textos Livres/Escritos Diversos (Neuroatipicidade, Deficiência, Capacitismo, Acessibilidade, Autismo). Página pessoal em rede social (<https://www.facebook.com/PerolaTubman>), Brasília, 2019.

MACHADO, Natália Maria Alves. *Epistemologias com deficiência?: uma auto-etnografia das ausências: (notas corporais sobre diferença, ensino jurídico e insuficiências em acessibilidade)*. 2020. 72 f., il. Dissertação (Mestrado em Direito) — Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

MELLO, Anahí Guedes de. **Olhar, (não) ouvir, escrever: uma autoetnografia ciborgue**. Tese de Doutorado em Antropologia Social, UFSC, Florianópolis, 2019.

SANTOS, Antonio Bispo dos. **Colonização, quilombos: modos e significações**. Brasília: Instituto de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa - INCTI, 2015.

SILVA, Rosana Maria Nascimento Castro. **Precariedades oportunas, terapias insulares: economias políticas da doença e da saúde na experimentação farmacêutica**. 2018. 506 f., il. Tese de Doutorado em Antropologia - Universidade de Brasília, Brasília, 2018.